

6

ORACAO,  
QUE  
FILIPPE JOSEPH  
DA GAMA  
RECITOU,  
Sendo Presidente  
NA ACADEMIA PORTUGUEZA,  
E LATINA,  
Em 29. de Setembro de 1733.

DEDICADA  
AO ILLUSTRISSIMO SENHOR  
D. MANOEL  
CAETANO DE SOUSA,

Clerigo Regular, do Conselho de Sua Magestade, Pro-Commissario  
Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Centor da Aca-  
demia Real.



LISBOA OCCIDENTAL,  
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,  
Impressor da Academia Real.

---

M. DCC. XXXIII.  
*Com todas as licenças necessarias.*

OPERA

FILIPPE JOSEPH

DA  
DE  
DE

Secundo Presidente

NA ACADEMIA PORTUGUESA

E BAPTISTA

Em 29 de Setembro de 1733

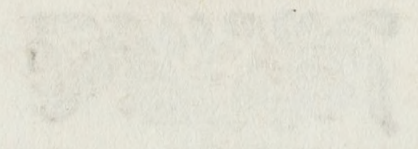
D. D. D. D.

NOTA

D. MANOEL

CATALANO DE SOUSA

Este livro de Canto...  
Canto de Canto...  
Canto de Canto...



MARCO ANTONIO DE SOUSA

Em Lisboa na Officina de Antonio da Silva

Comprende-se...



Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.



*EDICO a V. Illustríssima esta Ora-  
ção Acadêmica, que recitey o mez  
passado, para que alcance, antes da luz do  
prélo, aquella illustração, que os olhos de V.  
Illus-*

Illustrissima costumaõ communicar aos livros.  
A ninguem se difficulta quanto eu necessito  
desta para animar huma Obra, que de seu  
Author só teve hum ser caduco, e de V.  
Illustrissima espera receber o espirito, para  
que appareça no theatro das letras com hu-  
ma vida não breve, nem limitada na dura-  
çaõ deste seculo, mas diuturna, immortal,  
e eterna. Ao mesmo tempo, que me dilato  
em propor as conveniencias da protecçaõ,  
occorrem-me duas razoes, ambas panegyri-  
cas, e igualmente verdadeiras, que me pro-  
hibiaõ buscar outro patrocínio, que não fosse  
no venerado nome de V. Illustrissima. A  
primeira he, satisfazer àquelle antigo obse-  
quio com que V. Illustrissima, como costumaõ  
os Heroes da sua esclarecida Casa, recebe, e  
acredita aos professores das Sciencias; e nes-  
tas publicas estimaçoens alcançaõ elles o mais  
nobre, e o mais glorioso premio dos seus es-  
tudos. Nem em tanta copia de Escriitores,  
que agora illustraõ a nossa Lusitania, pôde  
estar

estar encuberto o meu nome ao conhecimento de V. Illustrissima; pois conseguí na sua approvaçãõ, não só applicarme com mayor cuidado à lingua Portugueza, e Latina, mas tambem desprezar, e desvanecer a critica, com que a inveja afrouxa os animos, e os aparta dos exercicios literarios. Daqui nasce, que se os Portuguezes, mais sabiamente, que outra alguma nação do Mundo, enobrecem o seu Imperio com os multiplicados, e eruditos volumes, que cada dia vemos sahír à luz publica; a V. Illustrissima se deve grande parte da gloria, que vay alcançando a nossa Republica das letras. Nem V. Illustrissima poderá negar, que he o mayor Astro, que illumina a Athenas Lusitana, e a sua magnifica, e preclarissima Familia; pois em V. Illustrissima tem achado hum exemplar das virtudes mais heroicas, e da erudição mais vasta em todas as facultades, e em os idiomas mais politicos, por onde agora ambas estudaõ, e cada kuma com mayor  
ancia

Souf. no  
Elogio Fu-  
nebre do  
Duque D.  
Nuno,  
pag. 75.  
num. 108.

ancia o procura imitar. A segunda razão  
he; porque os que cultivão as Aulas da Con-  
gregação do Oratorio, tão justamente cele-  
brada por V. Illustrissima com os titulos de  
Santissima, de Doutissima, e de Utilis-  
sima, tem por gostosa obrigação offerecer, e  
dedicar a V. Illustrissima quaesquer composi-  
çoens, que escreverem; pois assim ajudaõ a  
conhecer, e a confessar a esta Religiosissima  
Casa o eterno agradecimento, em que V. Il-  
lustrissima a tem posto, sempre engrandecida,  
e elogiada com as suas eloquentes vozes, e  
com os seus doutissimos Escritos. Ella po-  
rém para ter diante dos olhos ao seu eruditis-  
simo honrador, collocou na Bibliotheca Ma-  
rianna a Imagem, em que V. Illustrissima  
vive, e respira; isto he, o livro, no qual  
trata V. Illustrissima do Templo Cesaraugus-  
tano, em que a Virgem Santissima, antes de  
Assumpta, foy adorada pelo Apostolo Santia-  
go, Patraõ de ambas as Hespanhas: livro,  
torno a dizer, em que deixou V. Illustrissi-  
ma

ma immortalizada a sua fama posthuma, e excedidas as esperanças, que tinhão todos os Reynos da Europa, do apparatus, com que foy instituïda a Academia Real. Mas eu não posso encarecer, quanto deseja aquella Bibliotheca, que V. Illustrissima a ennobreça com a Obra poetica, que se intitula: Doxologia Marianna, ou Litanix Lauretanæ poeticâ paraphrasi expositæ; já que se dignou de lha dedicar. Nas folhas deste livro teceo V. Illustrissima para si a Coroa, que só quiz dos seus estudos poeticos, não desprezando os decorosos ramos, com que as Musas lhe cingiraõ a cabeça illustre, e judiciosa. Nesta obrigação immortal deixou V. Illustrissima a todo o Parnaso, pois não aceitando as Tiaras das supremas dignidades Ecclesiasticas, que os nossos Monarchas repetidas vezes lhe offereceraõ, só inclinou V. Illustrissima a cabeça à Coroa de louro, querendo, com heroico desprezo das honras, e das dignidades, que nem as suas virtudes,  
nem

nem a sua erudição ficassem com premio  
igual ao seu merecimento : mas a Historia  
Sacra reserva este elogio, para perpetuar o  
glorioso nome de V. Illustrissima, a cuja  
idéa deve a nossa Lusitania o instituirse a  
Academia Real, para se escreverem as vi-  
das dos Varoens illustres, benemeritos filhos  
da nossa Patria; do que venho a entender,  
que na mayor parte do Corpo desta Historia,  
brilhará com excessivas luzes a preclarissi-  
ma Familia dos SOUSAS, os quaes admi-  
raõ illustrado em V. Illustrissima o seu escla-  
recido sangue, e o seu respeitado appellido.  
Nem a rara modestia, de que V. Illustris-  
sima he dotado, poderá escurecer a incompa-  
ravel gloria, de que as suas vozes eruditas,  
e eloquentes expozeraõ ao Congresso mais sa-  
bio os Reaes Oraculos, que ordenavaõ ti-  
vessem principio os progressos Academicos, e  
a Historia Portugueza no Palacio da Se-  
renissima Casa de Bragança. Receba poi-  
V. Illustrissima esta piquena Obra no seu pa-  
trocinio,



trocínio, para que alcançando ella a ultima  
perfeição, pareça ser meditada no ocio Gre-  
go, e escrita por hum verdadeiro imitador da  
Attica eloquencia, e da Romana.

Deos guarde a V. Illustrissima por dila-  
tados annos. Lisboa Occidental, 6. de Ou-  
tubro de 1733.

Beija a mão  
De V. Illustrissima

Seu menor criado, e mayor venerador

Filippe Joseph da Gama.

\*

LI-

*[Faint, mirrored text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is illegible due to its low contrast and orientation.]*

# LICENÇAS.

## Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. Fr. Antonio de Santa  
Maria, Religioso de Santo Agostinho  
dos Descalços, Qualificador do  
Santo Officio, &c.*

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

### EMINENTISSIMO SENHOR.

SEndo os continuos estudos do Author desta *Oração Academica*, e que a recitou, Philippe Joseph da Gama, e V. Eminencia me manda ver, dignos de toda a estimaçãõ; os que empregou nesta obra se fazem acrédores de incomparaveis, e eternos elogios; porque nella, observando exactamente os preceitos Rhetoricos, excede os mais decantados Oradores, que celebrou a antiguidade, e venera o presente seculo. Nesta idade de ouro, para as letras, não se achará algum, que enchesse tanto tempo de literatura, em tão poucos annos de idade: mas se as cans veneraveis faõ a perspicacia dos sentidos, e de hum elevado entendimento; com tanta perspicacia se eleva este Orador, que o julgo, não fõ jubilado, mas Decano dos Heroes mais eloquentes. Discorre na

fua *Oração* com tal ornato, gravidade, e affluencia, que se não achará facilmente quem o iguale; porque excedello he impossivel. Haverá quem diga mais, porém melhor isso não: diz com toda a agudeza, primor, e arte, e tudo isto junto, quem o achar descobre hum thesouro. Thesouro he de toda a sabedoria esta *Oração*, porque nella se incluem as melhores joyas da eloquencia Sagrada, e profana. Basta approvalla o seu Illustrissimo Mecenas, para se estimar mais, que o ouro dos mais sobidos quilates, e as pedras preciosas dignas do mayor apreço. Porém errey, Eminentissimo Senhor, fuy diminuto em me explicar, porque não sey encarecer; o certo he, que não tem semelhança com as pedras preciosas, porque todas são brutas a seu respeito; e o ouro he huma pouca de areya em sua comparação. Este só poderá servir para as laminas, em que se ha de imprimir, e aquellas para as letras, com que se deve estampar; porque não tem cousa alguma contra nossa Santa Fé, e bons costumes, e só lhe falta a licença de V. Eminencia, que mandará o que for servido. Lisboa Occidental, Convento da Boa Hora dos Agostinhos Descalços, 13. de Outubro de 1733.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

*Censura*

*Censura do M. R. P. M. Fr. Manoel do  
Espirito Santo, Observante Menor da  
Provincia de Portugal, Qualifi-  
cador do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

Quando tive a honra de entrar no numero dos convidados, que concorreraõ a ouvir recitar esta *Oração Academica*, não foy em mim desigual o gosto à admiração; não foy porque vendo a elegancia com que os Socios daquella Academia Portugueza, e Latina, na tenra idade de seus poucos annos, deraõ conta dos seus estudos, segundo a diversidade das materias, que lhes estavaõ recommendadas, sem descreparem da verdadeira narração da Historia; mas tambem porque o Presidente da mesma Academia, Philippe Joseph da Gama, entaõ felizmente pronunciou a propria *Oração*, que agora appresenta a V. Eminencia, para com ella patentear a todo o Mundo, por meyo dos caracteres da estampa, o fiel testemunho da sua dilatada, e profundissima erudição. Muitos, e eloquentissimos Oradores reconhece a Republica das letras na nossa nação, que bem podem servir de ajustada norma às mais em seus Discursos Oratorios; porém este, não se separando das leys da Rhetorica, e perfeita eloquencia, não deixa de occupar lugar entre os mayores Oradores; pois em tudo se conforma com os preceitos do grande Cicero verdadeiro, e hum dos principaes Mestres da Arte Oratoria: tanto, que me persuado,

persuado, sem repugnancia, ter o Author extrahido do mesmo Cicero toda a elegancia, não se esquecendo de mostrar aos doutos, o muito que soube colher as flores da agradavel erudição com que Quintiliano enriqueceo os seus doze livros da instituição do Orador perfeito. E se este com tanta felicidade discorre nesta *Oração*, quanta em seus Escritos poeticos já tem divulgado a fama, e reconhece a nossa experiencia, porque não será agora merecedor de todo o elogio? Assim o reconheço, e certamente affirmo he este papel, por muitos principios estimavel; sendo entre todos principal, o não se encontrar nelle cousa, que se opponha aos dogmas de nossa Santa Fé, e bons costumes. Mas porque necessita da licença, para fahir ao publico, V. Eminencia lha concederá, sendo servido. Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental, em 19. de Outubro de 1733.

*Fr. Manoel do Espirito Santo.*

Vistas as informações, póde-se imprimir a *Oração*, que se apresenta; e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 20. de Outubro de 1733.

*Fr. R. de Alencastre. Cunha. Teixeira. Sylva.  
Cabedo. Soares.*

Do

# Do Ordinario.

**P**Ode-se imprimir a *Oração* de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 20. de Outubro de 1733.

*Gouved.*

*Censura*

# Do Paço.

*Censura do R. P. M. Fr. Manoel de S. Damaso, Prégador Jubilado, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, Bibliothecario do Convento de S. Francisco da Cidade, e Academico da Academia Real, &c.*

## S E N H O R.

**N**Esta *Oração Academica*, que na moderna Academia da lingua Latina, e Portugueza, disse Philippe Joseph da Gama, não se offendem as regalias da Coroa, augmentaõ-se as excellencias da Monarchia. Em observancia do Real preceito, que sempre para mim foy gostoso sacrificio, a principiey a ler com affombro, e conclui a sua lição com pasmo; em tanto, que me persuade a deixar o Officio de Cenfor, e a tomar o de Panegyrista; porque me pareceo (sem hyperbole, e com synceridade) quando a lia, que estudava, já a Quintiliano, já a Cicero, e já a Demosthenes. Tomou Philippe Joseph da Gama por argumento desta sua *Oração Academica*, louvar os agigantados progressos, que os seus Collegas haviaõ feito nos empregos do seu Instituto, para promovellos a mais fervorosos, mais altos, e mais eruditos estudos; e o conseguiu com felicidade tamanha, que não só encheo, com magestade, o mu-

nus



nus de Director, que occupava naquella Assembleia, mas adquirio, com excellencia, o de Mestre dos seus Alumnos, dictandolhes os preceitos da Rhetorica mais elegante, os dogmas da eloquencia mais facunda; e fazendo, que o que fora elogio aos literarios exercicios anteriores, ficasse servindo de instrucção para os futuros. As instrucções Oratorias, que Quintiliano escreveu lhe deraõ o Magisterio da Rhetorica. As Orações Academicas, que Cicero disse, lhe adquiriraõ o Principado da Eloquencia. E esta *Oração Academica*, que Philippe Joseph da Gama recitou, com o mesmo juz lhe daõ, e adquirem aquelle Principado, e Magisterio. Nella escreve as maximas da Eloquencia, os dictames da Rhetorica, em grao taõ supremo, que attendida a invenção, disposição, e elocução, dignamente arroga a si, por titulo, a propria definição desta Sciencia: methodo, e doutrina de dizer bem, recta, e ordenadamente. Comprehende com eminencia os tres generos da Arte de Orar: Demonstrativo, Deliberativo, e Judicial, affociados das suas inseparaveis qualidades: o Demonstrativo, da brevidade, clareza, e subtileza: o Deliberativo, da efficacia, prudencia, e fructuosidade: o Judicial, da brandura, fortaleza, e convinencia. Contém, com superioridade, os naturaes effeitos da Oratoria, que são: ensinar, deleitar, e persuadir, sem que nella se desejem as propriedades, que constituem fermosa, perfeita, e consummada huma Oração, e com que se exercitaõ aquelles generos, qualidades, e effeitos: a pureza da fraze, a gravidade do estylo, a dignidade dos conceitos, a clareza das provas, o ornato das amplificações, e a enervação das duvidas. A pureza da fraze resplandece na locução culta, que não admite a critica de

\*\*

pala-

palavras arrogantes, soberbas, peregrinas, e desconhecidas; mas a de hum portuguez do seculo, puro, ornado, composto, agudo, grave, e profundo: a mesma locução se louva em outras obras, principalmente nos Epigrammas, que este Escriitor, no presente anno, deu à luz do prélo, não com vulgar credito das Musas Lusitanas; felicidade, que deveo, não só à aguda elevação do seu juizo, mas tambem à judiciosa escolha, que fez de exemplares para o seu estudo; ( como eu posso testemunhar das suas grandes, e continuas applicaçoes nesta Bibliotheca ) para a Oratoria elegeo o eloquentissimo Vieira; para a Poesia o elegantissimo Macedo, Heroes nestas Sciencias os mais ornados, compostos, agudos, graves, e profundos. A gravidade do estylo, na innata propriedade com que se explica, e ingenita faculdade com que se dá a entender, que parece fez da Natureza Arte, e da Arte Natureza; uniaõ taõ peregrina, que nem em Demosthenes, nem em Cicero a descobrio Quintiliano, mas para formar a idéa deste peregrino Orador; de Demosthenes tirou a Arte; de Cicero a natureza. A dignidade dos conceitos, na omnimoda proporção, que tem com o seu Assumpto, e total conveniencia dos tropos, figuras, e methaforas, com que os declara; expressa com tanta naturalidade, e destreza as idéas, que formou a perspicacia do seu entendimento, que nelle se não destingue o conceber de produzir; nem se conhece aquella distancia, que Cicero reconheceo entre o sentir, e o dizer. A clareza das provas, na illustração, que recebem os Leitores ( e receberiaõ os ouvintes ) desta *Oração*, para penetrar o fino, e delicado dos seus pensamentos, que sendo altos, e profundos, à semelhança dos paralelos, a identidade dos factos, a applicação dos  
sucessos

ſucceſſos com que os confirma, não ſó provaõ, mas  
illuminaõ. O ornato das amplificaçoens, na vaſtidaõ  
do Diſcurſo, pois em huma materia eſteril, pela pro-  
pria generalidade, a ſua facunda erudiçaõ a fertiliza,  
com tranſlaçoens, e epithetos, aſſim elegantes, com  
pariſraſis, e epilogos aſſim judicioſos, e em perio-  
dos aſſim eloquentes, aſſim conformes ao Aſſumpto,  
e ao Auditorio, que integrou hum todo agradavel aos  
ouvidos, e grato ao entendimento. A enervaçaõ das  
duvidas, na vitoria com que triunfa das imaginadas,  
e cautelofas objecçoens, que contra as proprias con-  
cluſoens excita a ſua connatural arguitiva; he tal,  
que ainda, que o Ariſtotelico artificio com que fór-  
ma os argumentos, arrastraõ os animos ao aſcenſo  
do que nelles perſuade, ao menos em quanto as inſta,  
a clareza, e efficacia das repoſtas com que desfaz a  
força das inſtancias, immuta immediatamente as von-  
tades a hum credito abſoluto, da veracidade do Aſ-  
ſumpto, que eſtabelece. Finalmente, porque foſſe  
em tudo completa eſta Arte da Rhetorica, eſte mo-  
delo da Eloquencia; naquella prompta affluencia de  
palavras, profuſaõ de periodos, copia de exemplos,  
e exuberancia de razoens, reſplandece a facunda  
Memoria do noſſo Orador, já que por ley do Inſti-  
tuto, no recitar, não podia reſplandecer. A pro-  
nunciaçaõ, ultimo complemento de huma Oraçaõ  
elegante, e de hum Orador eloquente, publicaõ as  
cem bocas da Fama, que com iguaes reſplendores  
brilhará na ſuavidade da voz, na gravidade do geſ-  
to, e na compoſiçaõ do corpo, com que o noſſo per-  
feitiffimo Orador, Philippe Joſeph da Gama, a diſſe-  
ra, e representara: ſeguia com o conceto da voz  
a natureza da Eſcritura, reveſtia com a mudança do  
geſto, os affectos do animo; compunha ao eſpelho

da significacão das palavras, as acçoens do corpo; e disputava a termofura da dicção com Demosthenes, ao qual se se lhe differisse a primazia, feria por nascer primeiro. Pois quem se não admirará, Senhor, ao ver, e considerar, que Philippe Joseph da Gama, quando completa a sua infancia, e a penas entra na adolescencia, já se equivoca no dizer, e no orar com os Mestres da elegancia, com os Principes da eloquencia? Para o nosso Orador elogiar aos Socios Academicos, seus coetaneos, e os estimular a mayores progressos de erudição, elegancia, e eloquencia, comparou-os com Origines; porque na vivacidade do engenho, que na sua infancia, e adolescencia demonstrava, dava claros indicios, de que na idade provecta feria erudito, elegante, e eloquente, como Origines. Mas este elogio, e motivo sendo grande, para o nosso Orador, he pequeno; porque se Origines na infancia demonstrava aptidão para aprender, Philippe Joseph da Gama, na infancia tem erudição para ensinar: Origines ainda na adolescencia era discipulo, Philippe Joseph da Gama já na adolescencia he Mestre. Nem ainda para o seu merecido elogio, e preciso incentivo, he proporcionado parallelo o de Quintiliano, o de Cicero, o de Demosthenes, a quem iguala, he necessario constituillo em hum Heroe, que a todos exceda. Mas quem será este Heroe tão singular, e tão luzido como o Sol? Tão unico, e peregrino como o Fenix? He o seu Mecenas. Para que até o acerto do seu elogio, e do seu estimulo, devecemos à sua acertada eleição. A grande literatura, e elegancia, que na adolescencia deste Heroe se admirou, já se comparava à de Quintiliano, à de Cicero, à de Demosthenes, ainda quando mais provectos se consideravaõ; porém a  
vastissi-

vastissima erudição, e eloquencia, que na sua veneravel ancianidade admiramos, em nenhum destes famigerados Oraoires encontra semelhança, ainda quando mais ancioens se contemplaõ. Na comparação do Sol, com o de todas as luzes, ficaõ taõ excedidos todos os Astros, que parece não serem luminosos: na comparação deste Heroe, centro de todas as Sciencias, ficaõ taõ excedidos todos os Sabios, que parece não serem scientificos. O Fenix na comprehenção dos seculos fez-se unico, este Heroe na comprehenção das Sciencias constitue-se singular; mas, *O' utinam!* Que assim como he singular nas luzes da Sciencia como o Sol, seja unico na duração dos annos como o Fenix! No paralelo pois deste Heroe, que he o seu Mecenas, taõ unico, e taõ singular, tem Philippe Joseph da Gama o mayor elogio, e o mais proporcionado estimulo. O mayor elogio; porque na igualdade da elegancia, que na sua puericia faz a Quintiliano, a Cicero, e a Demosthenes, tem semelhança com a eloquencia do seu Heroe na propria infancia! O mais proporcionado estimulo; porque hum taõ grande Orador, que na sua adolescencia iguala aos melhores na elegancia, só poderá, na idade provecta, ser mayor, emulando a imitação do seu Mecenas, que na veneravel ancianidade, não reconhece igual na eloquencia. E se no seculo, para a nossa Lusitania, dourado, em que V. Magestade se declarou Protector das letras, admiramos taõ distinctos os seus professores; nenhuma estranheza póde causar nos animos, que o rigor da Censoria se converta em benevolencia da laudação; o que havia ser Censura seja elogio. Antes, para que fique cabalmente correspondido o merecimento de taõ distincto Escritor, não só póde V. Magesta-

Magestade concederlhe a merce, que pede para imprimir a presente *Oração Academica*; mas obrigallo a que dê ao prélo a Preliminar, de que nos dá noticia no principio desta; e outras muitas obras, legitimos partos de seu singular talento, que conserva manuscritas; porque ao mesmo passo, que nellas se multiplicarem os elogios ao Author, se augmentarão as excellencias à Monarchia. Este o meu parecer, V. Magestade mandará o que for servido. Neste Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental, 26. de Outubro de 1733.

*Fr. Manoel de S. Damaso.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impressa tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 27. de Outubro de 1733.

*Pereira.*

*Teixeira.*

*Rego.*

Visto

**V**isto estar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental 20. de Novembro de 1733.

*Fr. R. de Alencastre. Cunha. Teixeira. Sylva.  
Cabedo. Soares.*

**V**isto estar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental 21. de Novembro de 1733.

*Gouvea.*

**T**axaõ o papel incluso em 60. reis, para que possa correr. Lisboa Occidental 24. de Novembro de 1733.

*Pereira. Teixeira.*

ORA

Visto e em conformidade o Conselho de Estado de  
1733

1733

Visto e em conformidade o Conselho de Estado de  
1733

1733

1733

1733

1733



(I)



ORACÃO,  
QUE  
FILIPPE JOSEPH  
DA GAMA  
RECITOU,  
Sendo Presidente  
NA ACADEMIA PORTUGUEZA,  
E LATINA.



TUDO quanto pedimos à nossa Immaculada Protectora ( eruditissimos Senhores ) naquella dia , em que eu , obedecendo ao vosso honroso preceito , implorey para esta Academia o seu admiravel patrocínio , e com affectuoso obsequio lha dedicamos ; tudo vejo em vós felizmente conseguido , e por modo bem  
A extra-

extraordinario. Pedimos naquelle fermoso dia à Virgem Senhora nossa, que protegida com as suas luzes, e benignas influencias a nossa Assembleia, nascesse esta com a Estrella mais luzida, que lhe prognosticasse não só huma larga duração, ainda além da posteridade, mas que tambem influisse nos seus Alumnos aquella eloquencia, que a virtude aperfeiçoa, e juntamente orna. E quem de vós, ò Academicos, não conhece em si quanto lhe tem aproveitado este Sagrado, benefico, e Soberano patrocínio? Não são effeitos d'elle o alto, e o excellentissimo modo de orar, e de discorrer, a que vos achaeis elevados? Podemos dizer, que imitaeis a veneravel antiguidade nos vossos discursos, sem que se mostre invejosa a madura idade aos vossos poucos annos? Pois estes prodigios, estes milagres da eloquencia, que dentro de Congresso tão erudito admirão os que vos assistem, e vos escutaõ, todos devemos attribuir à Virgem Santissima, que venerada com o titulo da Conceição, illustra esta Academia, e com a sua luz desfanece as sombras da inveja, e as nuvens da critica. Nem menor argumento do que temos dito he aquella vossa applicação aos livros, e aos estudos, quando os pertende interromper a Estação do anno; pois não vos contentando com os severos exercicios da Filosofia, e Theologia, agora cultivaes o engenho com as flores Atticas, para suavizar os preceitos destas duas Sciencias: e quem tem tão continua a entrada na Casa da Sabedoria, não he muito, que participe das Sagradas influencias de tão divina, e tão adorada Mestre.

Quanto mais confidero nesta vossa grande felicidade,

(3)

licidade, tanto mais difficultoso julgo sobir a este amplissimo theatro da eloquencia, no qual se tem recitado aquellas doutissimas Oraçoens, das quaes ainda ouvimos os eccos, pelos dilatados campos da Fama. Difficultoso julgo fallar na vossa presença, ò Academicos; porque ainda que eu tenha conseguido a estimavel felicidade de vosso Socio, e tambem me animem os influxos da resplandecente Estrella de Jacob; com tudo eu conheço a differença, eu vos confesso a ventagem: assim nesse globo de puros, e luzidos diamantes, que sustentou Hercules, nem todas as luzes tem a mesma grandeza; e huma das sete filhas de Atlante, posto que seja tambem Astro, he menos resplandecente, que suas Irmãas. Ao mesmo tempo, que a vossa benevolencia me escolhe para Orador deste dia, e eu desejo executar hum tal preceito, que todo redunde em utilidade minha; já me intimida vir fallar na presença de hum Auditorio tão douto, e de huns Academicos, que tem enriquecido a Patria com os rios de ouro, que traz a sua eloquencia; e já tambem me anima, que nunca passou dia, por mais que elle quizesse ser breve, em que eu não lesse parte dos vossos Discursos Academicos, dos quaes confesso ter participado hum grande fruto, assim das frases mais polidas, como da erudição mais copiosa. Agora me fica o desvanecimento, de que assim o entendestes, pois me mandaes sobir a esta Cadeira, querendo, que em mim tenha mayor lugar a gloria, que della me resulta, do que o merecimento com que devia alcançalla: mas daimé licença, Senhores, que diga, que tudo quanto ouvirdes, he imitado dos vossos estu-

A ii

diosos

(4)

diosos progressos. Estes me foraõ como cristalinas ; e liquidas correntes, que a penas goftadas, logo senti hum espirito animoso para mais altas empresas. Assim me persuado, que a beneficio voffo entro hoje em hum empenho o mais difficultoso, e o mais elevado; e que venceo os justos receyos da minha idade o voffo mesmo preceito ; pois nelle se me communicãõ, e se me infundem todas aquellas luzes, de que necessita hum Orador para ser preclaro. Quanto mais, que naõ me póde faltar a affluencia douta, e judiciosa da Oraçaõ, porque fallarey de vós, ò Academicos, e da nossa Grande Mãy, e Protectora, concebida sem a macula original, que em nós purificaõ as Sagradas fontes do Bautismo. Por esta causa he mais difficultoso achar o fim da Oraçaõ, que o principio della ; mais profundo o empenho com que havemos concluir, que aquelle com que havemos principiar ; em fim, mais Santo, mais superior, e mais elevado, pois vence a capacidade mais douta para desempenharfe. Day agora benignos attençãõ, naõ às minhas palavras, naõ às minhas vozes ; fim à grandeza do assumpto, que por ser alto, e difficultoso, he mais proprio das voffas intelligencias, que da minha pouco elevada expressãõ.

A Academia Latina, e Portugueza, que com as influencias da Virgem Senhora da Conceiçaõ tanto se illustra, e com taõ feliz auspicio principia a immortalizar o seu nome, he o amplissimo Congresso, em que eu deixaria o meu lugar desoccupado, se aspirasse igualarme a qualquer dos seus Alumnos. Aqui assistio o anno passado por tres mezes a Fa-  
ma,

(5)

ma, em quanto se recitavaõ os especiosos, e eloquentes Escritos, que hoje guardamos em hum livro, grande pela materia, e pelo nome. Nem imagineis, Senhores, que esse monstro cheyo de azas he mais filho da fantasia dos Poetas, que das entranhas da terra; porque entãõ vos pergunto eu: E como pôde fer, que chegasse a noticia desta Academia a taõ remotas partes, em que ella he já nomeada, e se tem feito attendida, sem que a divulgassem as cem bocas dessa monstruosa pregoeira? A quem se devem, fenaõ às suas vozes, aquelles elogios, com que já se publica no Mundo a vossa applicaçãõ, e o grande desejo de illustrar a Patria, para que esta se ennobreça com o vosso nascimento? Eu não sey se deveis mais à Fama, pregoeira do vosso nome, se àquelles, que não cessãõ de repetir altamente os vossos louvores; se a estes, a quem governa o discurso judicioso, se àquella, que com precipitado voo não deixa couza alguma, que não publique, e que não espalhe pelo Universo. Só digo, que este louvor alternado na trombeta da Fama, e nas multiplicadas acclamaçoens dos doutos, e dos Sabios, não he nascido de alguma adulaçãõ, ou amifade, mas sim do vosso completo merecimento, daquelles incessantes estudos, e daquella larga vãitidãõ nas Sciencias, que em mim seria vãidade se as desejasse semelhantes. E fenaõ dizeime: que outra couza he pordes os hombros ao edificio da Sabedoria, quasi arruinado, fenaõ estabelecer, e sustentar o Templo, em que os Sabios descansãõ, convertendo em nova vida os funestos estragos, que nelles fizera a morte? Quem não ouvirá com admiraçãõ, que

(6)

que principiaõ a florecer nesta aquellas Academias, de que já triunfou o Tempo, cobrindo-as com as cinzas dos que as frequentavaõ, e enterrando as ruinas, que nellas fez a sua maõ rustica, e invejosa? Aqui, aqui na nossa Academia, tem principio mais glorioso todas estas, e nella agora vivem novamente os que as cultivaraõ, e acreditarãõ na posteridade. Aqui renasce aquelle Congresso de homens doutissimos, que instituhio D. Antonio Alvares da Cunha, duas vezes grande; huma pela sua illustre, e antiga Casa, em que permanece a imagem do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que olha com respeito o Tempo; outra pela rara erudiçaõ, e fecundo engenho, com que se fez familiar das Musas, e muitas vezes Presidente. Quem ha, que ouvindo os seus harmoniosos versos, naõ perca a cor, e se lhe naõ accenda o peito? Aqui apparecem transmigrados, nos nossos Academicos, os Generosos, os Singulares, os Applicados, e os Anonymos; dos quaes estes ultimos instituirãõ os seus Congressos no Palacio do Senhor Conde da Ericeira; e nas casas do Senhor Ignacio de Carvalho e Souza, diante de quem agora fallo, e com quem tanto se utiliza, e se ennobrece a Academia Real da Historia Portugueza. Agora me embaraça o respeito, e a modestia deste preclarissimo Academico, pois tem por delicto naõ se evitarem na sua presença os elogios, que merece; que por serem nelles excessivas as capacidades mais doudas, duvido se algum dos mortaes os alcançou mayores. O' quanto se alegrará esta doutissima Multidaõ, que o Reverendissimo Padre Antonio dos Reys, Principe da Poesia Latina, vio  
entre

(7)

entre os Córos de Apollo, nos bosques; e nas florestas do Parnaso, por onde foa a harmonia bem concertada das suas Lyras, que para ser melhor ouvida, deixaraõ as Musas de pulsar os plectros, e a fonte Aganippe se esqueceo da perenne successão das suas aguas! Quanto se alegrará de respirar com o vosso alento, e de fallar com o magestoso culto, e adorno das vossas palavras o idioma Latino, e Portuguez! Incessante he agora a applicação, mais successivos os estudos, com mais trabalho, e com mayor applauso lhe adquiris, ò Academicos, huma vida, que não acaba, que não he fragil, nem caduca, collocada na memoria dos homens, e immutavel na mesma variedade dos tempos. Mas para que são estes repetidos excessos, com que agora restaurais a esquecida gloria desses sepultados Varoens, cujos nomes já estavaõ apagados nos monumentos, em que jazem? Será porque tendes diante dos olhos o nome eterno da Patria, que ella alcançou com as Academias, que já extinctas florecem com os vossos annos, querendo de novo restituirlhe a fama, e o nome grande, que a antiguidade, ou lhe hia negando, ou já lhe tinha tirado? Será porque quereis desmentir aquella commua estimação, de que na primeira idade não madurecem os frutos da discrição, e da eloquencia? Bem tendes mostrado o contrario, pois não só excedeis aos que vos igualaõ nos annos, mas fazeis duvidoso o louro, e a palma a esses homens illustres, e famosos, que até agora são respeitados da inveja. Será finalmente porque quereis ser exemplo àquelles, que começaõ a tropeçar no caminho da immortalidade, enfiandolhes, que

que facilmente vence estas difficuldades o premio, enlaçado com os elogios, que por ellas se conseguem, e vós já alcançastes?

Digame agora a Historia Grega, e a Romana, quem foraõ elles Filozofos, e Academicos, brado naõ pequeno da sua fama, com que tanto se ennobreceraõ estes dous emporios de Minerva.? Digame em que idade começaraõ a fazer celebres no Mundo todo, huns a Athenas, e outros a Roma, mais antiga no Principado das armas, que no das letras? Fallaráõ ambas de Plataõ, e de Seneca; de Demofthenes, e de Tullio; de Euripedes, e de Terencio; de Hesiodo, e de Ennio; aquelle em que Grecia vio recuperado o espirito, que antes tinha perdido em Homero; este facundissimo Poeta, e intrepido companheiro de Scipiaõ, pois a sua espada, e a sua cythara lhe mereceraõ por premio duas Coroas. Levaráõ ambas o nome destes, e outros Sabios, ( de que agora naõ fallo ) até as claras Estrellas do Firmamento; dizendo de huns a respeitosa gravidade, de outros a prodigiosa elegancia, ornada com as Sciencias mais proveitosas, que elles alcançaraõ com muitos annos de vida, e de estudos. Fallem, louvem, e engrandeçaõ Roma, e toda a Grecia, a estes, que à maneira de luzes grandes resplandeceraõ na Republica literaria; porém julguem quanto mais fazem os nossos Academicos aqui neste gravissimo Congresso, em que as Musas, e as Virtudes permanecem com huma inseparavel alliança. Senaõ quereis, que diga, que he menos ser plausivel, e illustre na erudiçaõ mais profunda, quando a idade já se inclina com o pezo dos annos, do que quando he  
ainda



(9)

ainda terra , e apparece em flor. Quanto mais he sentarem-se os nossos Academicos florescentes no principio da vida , junto àquelles famosos , e ainda respeitados velhos , em que a Sabedoria , sendo fermosissima , expressou o seu retrato ? Junto àquelles , que só se compunhaõ ao espelho da Prudencia , triste a presença , e melancolica , a vista turbada , e grave ? Não pôde haver mayor igualdade em annos taõ desiguaes ! Olhay para o harmonioso corpo desta Assembla , e vereis com admiração vossa , que aquellas delicias da virtude , e das letras , aquelle adorno das Aulas , e dos costumes , communicado por igual medida a sete peritissimos engenhos , saõ a estabilidade , saõ o fundamento desta grande Casa , em que a Minerva Lusitana collocou o seu throno. Que mais auguraraõ as esperanças , e os dotes inestimaveis , que começavaõ a apparecer , e a avultar nos rudimentos da vida desses prodigios da natureza , e desses venerados milagres da Sabedoria ? Que mais auguravaõ , torno a dizer , aquellas disposicoens , e aquelles não vulgares principios , que os não vejamos mais excelsos , e superiores nos nossos Academicos ? Que se julga de ser o seu nome já ouvido com fusto daquelles , que para si querem sómente a ventagem ? Que consequencias podemos tirar de huma discreta puericia , de huma intempestiva difficriação , em fim , de huma adolescencia , que parece vivificada com os acertos da idade madura ? Não necessito agora , Senhores , do pomposo ornato das figuras , nem dos tropos Rhetoricos , para recommendar o que até aqui temos dito. Só peço , que inclinando vós por hum pouco os olhos , escute , não a

B

vossa

vossa modestia, mas o vosso merecimento, parte dos successivos elogios com que vos louva, e engrandece o Auditorio embebido, e arrebatado na recitação dos vossos discursos, igualmente discretos, que facundos. Vi eu ao eruditissimo Socio, o Senhor Antonio Felix Mendes, quando deixou entre admiracoens o entendimento mais delicado, e fevero, depois de recitar a sua doutissima Oraçãõ: entãõ alcançey eu quanta era a suave força da eloquencia; qual a ordem, porque se devem distribuir as suas partes; finalmente, como competia com esses Oraadores mais celebres, cujas Estatuas ennobrecem o alto Palacio da Sabedoria, pois vemos, que estes lhe offerecem as coroas de louro, com que elles coroavaõ os seus entendimentos. Mas naõ me pôde esquecer, que nenhum dia tive na vida, nem mais honorifico, nem mais agradavel, que quando este consummado Orador eternizou o meu nome em hum elogio; nem até agora tive premio, que com este se podesse comparar, nem mais glorioso, nem menos merecido. E como poderey eu remunerar hum taõ amplo beneficio? Com que palavras engrandecerey a hum homem, que me deu por vida huma eternidade de duraçãõ, se eu conheço quam humilde, e quam fraca seja a minha voz, com a qual ficaõ os Sabios mais offendidos, que elogiados? Que direy agora do dignissimo Censor, a quem os seus continuados estudos, e os seus grandes merecimentos o elevaraõ ao primeiro lugar desta Academia, fatisfazendo em tudo à sua difficultosa obrigaçãõ? Naõ passarey em silencio a eloquentissima Oraçãõ do Senhor Joseph Colasso de Miranda, com que  
illustrou

illustrou esta Assembleia. Era para admirar a copiosa affluencia de palavras, que recreava os ouvidos com huma bem concertada harmonia, e suspendia o entendimento com a erudição mais copiosa : então alcançou elle do seu numerofo Auditorio, o mais illustre, a merecida antonomasia de Conceituoso. Quem não dirá do discretissimo Secretario, e dos mais Academicos, que nos fizeraõ esquecer de Hortensio, e Graccho, deixando escurecidas, com a luz da sua eloquencia, aquella Athenas, e aquella Roma, que só ao Imperio Lusitano são inferiores? Ninguém já mais duvidou, que com as influencias de hum superior espirito, sobistes a este lugar certos do applauso; certos, e não duvidosos da vantagem, que nem C. Graccho, já na adolescencia insigne Orador, vos disputaria, se ainda vivesse. Aqui mostrastes a cuidadosa applicação, que vos fez consummados na lingua Latina, e Portugueza; chegando a escrever, e a fallar com pureza estes dous idiomas, e tambem a penetrar, e a entender os mysterios da Poesia, e da Historia, confusos com a nuvem da fabula, e da antiguidade. Digaõ-no os voossos Discursos discretos, eruditos, e judiciosos; nos quaes, quando estou imaginando, creyo serem escritos com estylo Attico, por Lelio, Antonio, Scévola, ou Crasso, incomparaveis Oradores daquelles seculos, em que se ouvia a clara, e a suavissima voz da eloquencia. Digaõ-no as Poesias em que descreveis os assumptos Academicos, que recitados com admiração das Mufas, não só nos trazem à memoria as delicias, e os arvoredos do monte Parnaso, fresco, e aprafivel; mas nos daõ certos indicios, de que

Cicer. in  
Brut. pag.  
mihi 283.

foraõ meditados junto do successivo cristal da fonte Aganippe.

E para onde me arrebatata o furor, que tenho concebido de publicar os vossos elogios? Já fey quam inutil he todo o meu trabalho: nem eu poderia continuar com a grandeza do Panegyrico, ainda que se me inspirasse hum novo modo de dizer, mais alto, e mais diverso do humano. Agora, posto que fique queixoso o vosso merecimento, porey fim aos vossos louvores, que desejaría profeguir, se não conhecesse ser a minha vista debil para fitar os olhos nas vossas luzes. Mas arrisque-se a vista, e corra precipitado o entendimento, que eu não posso esquecerme, de que a vossa adolescencia eminente em todos os progressos literarios, tem por elogio, o que em muitos Sabios, ou parece exaggeração, ou foy lifonja. Quizera agora, que os seculos antepafados me ouvissem, para que se não jactem, de que elles fó deraõ ao Mundo aquelles Varoens, cujas imagens, coroadas com o seu proprio nome, se nos propoem para o exemplo, e para a imitação: a nossa idade (idade verdadeiramente de ouro) tambem traz consigo portentos semelhantes. Cada hum dos nossos Academicos he huma prodigiosa arvore, que dá juntamente os frutos, e as flores; as flores nos conceitos, com que cada hum falla; os frutos na vastidão de noticias, na grandeza dos assumptos, e na polida, e copiosa facundia, com que illustra, e admira ao Auditorio, que com admiração, e com silencio o escuta. Não nasce flor mais engraçada nos campos da Primavera, quando Apollo sóbe a trazernos o dia; não se ostenta fruto pendente da copada

copada arvore, em que se creou, que nos seja mais agradavel, que alguns destes frutos, que alguma destas flores. Os Varoens Sabios, porque o chegaõ a ser quando a idade lhe pinta os defenganos nos cabellos, se daõ frutos, como podem produzir flores no Inverno da vida? Os nossos Academicos nos seus primeiros annos, naõ só daõ flores, mas tambem nos offerecem os frutos fasonados, e maduros, do seu fecundissimo engenho. Deste modo, por secreto indulto da Providencia, fazem em si ventajosa a Primavera ao Outono; e dando juntos os frutos deste com os odoriferos adornos daquella, excedem na facunda producção dos seus entendimentos o credito humano.

Mas já que agora vemos aquillo mesmo, que naõ chegavamos a apprehender; já que hoje desmentem tanto os nossos olhos as difficuldades, que oppunha o entendimento; facil será augurar a idade provecta de cada hum dos nossos Academicos, já que em todos experimentamos huma anticipada difficrição. Vedes tremolar as bandeiras Romanas com admiração do Mundo, e as Aguias, ainda que de prata, que as querem acompanhar voando? Vedes o numerofo exercito, que caminha para Carthago, luzido em armas, que feridas com os reflexos do Sol, enchem de mayores luzes o dia? Vedes o grande numero de Centurioens, que mandaõ, que governaõ aquellas legioens de Soldados bellicosos, cujos peitos endureceo o ferro, e a braveza militar? Pois reparay no bisarro mancebo, que robusto, e forte, com os ardores da idade juvenil, promette arruinar de hum só golpe os muros Carthaginezes, e  
fer

fer o primeiro, que fulmine rayos, que enriste a lança, e que fira ao inimigo no primeiro choque, ou assalto. Vedes como vay guarnecido o solido do aço com o luminoso do ouro, e o seu capacete coroadado de plumas, com que açouta as ancas do bruto em que vay montado? Pois este será Scipião, a cuja espada cederá inteiramente o mais soberbo Sceptro da Africa, e daqui a poucos annos levantará incendios nos edificios de Carthago, mais vorazes, que aquelles com que Agmenon reduzio a cinzas os de Troya. Este, que agora vedes seguir ao pay, incitado sómente do canoro som das Trombetas, e do rouco dos Tambores, será o Deos da guerra, a cujo valor deverá o Imperio Romano o mayor triumpho, que se escreverá nos seus Fastos; este triunfará do primeiro homem de Carthago, formidavel em armas, e astucia militar; este, a quem Roma levantará eternas Estatuas, e a Vitoria offerecerá Coroas, intertecidas com folhas de palma, e de louro. Mas tornay a voltar os olhos a outro prodigio igualmente grande. Vedes aquelle menino, a quem o sono fechou os olhos nos braços do proprio pay? Vedes como este inclinado lhe beija o peito, e a cabeça, vendo occupados aquelles dous lugares, hum do coração, outro do entendimento, com sciencia superior aos seus tenros annos? Pois he Origines, que vay mostrando, quem será na idade adulta, quando os seus livros forem huma muda voz, que repita nos seculos posteriores o seu nome. Elle será respeitado de toda a Grecia, gloriando-se mais em hum só Origines, que em todos os mais Sabios, que cultivaraõ prodigiosamente nas suas Academias todo o genero

genero de Artes , e de Sciencias. A morte não lhe terminará o culto , fará fim mais viva a faudade. O quantos o virão buscar de climas bem remotos , para ouvirem , e verem este professor da mais levantada Sabedoria , cuja cabeça será oraculo , cujos labios serão cortina , donde fahirão ( em quanto não delirar ) as repostas mais certas , e mais profundas , que as de Apollo Pythio. Taes fins auguravaõ estes principios. As vitorias de hum , e a vastissima erudição de outro , os ramos de louro , que cortou a espada de Scipião , e os que mereceo a penna de Origines , nestas duas idades , ainda verdes , e florescentes , vinhaõ promettidos , e brilhava muito de perto a gloria , e os futuros progressos de ambos ; do primeiro , emmudecendo Carthago , quando lhe ouvia o nome ; do segundo , callando-se o Mundo para melhor o ouvir. Assim lemos nas Fabulas , que Vulcano polindo as armas para o Capitaõ Eneas , abrira , com summo artificio , na grande lamina do escudo huma imagem do vastissimo Imperio Romano. Alli esta-vaõ representadas ao natural as suas conquistas , e as suas vitorias , heroicamente alcançadas ; e com admiravel idéa do Artifice parecia , que os Capitaens , coroados do sempre triunfante louro , volta-vaõ em carroças douradas ao Capitolio , huns de Africa , outros das Gallias , e das Hespanhas : estes do Illyrico , aquelles da Macedonia ; em fim , os triunfos de Pompeo , e de Augusto , hum vencedor da Asia , outro do Egypto , aqui se viaõ vaticinados. Desta forte abbreviou Vulcano , o que os fados promettiaõ aos descendentes de Eneas , debuxando naquelle circulo a alta Roma , que estenderia por to-  
do

Valer. Ma-  
xim. lib. 1.  
cap. 6.

do o Mundo o seu Imperio, domadas, e vencidas as naçoens mais soberbas, e valerosas. Assim observavaõ os Poetas, que no principio das mais vastas Monarchias, e nos nascimentos dos mais excellentes Principes, se mostrava com gloriosa predicçaõ, já na benigna influencia dos Astros, que entãõ dominavaõ, já no segredo de algum evidente prodigio, a grandeza a que foraõ destinados. As abelhas, que voaraõ à boca de Plataõ, prognosticavaõlhe a Filosofia, e a eloquencia, que lhe alcançaraõ o nome de Divino, como escreveo Valerio Maximo : a chamma, que muito antes luzio na cabeça de Servio Tullio, auguravalhe o Imperio, a religiaõ, e ambas as virtudes, Politica, e Militar, como o entendeo a Rainha Tanaquil, celebre em interpretar os futuros nas victimas dos sacrificios : o circulo, que à maneira do Arco Celeste, cercou o globo do Sol, em hum dia claro, e sereno, prognosticava a summa felicidade de Augusto. E para que me não dilate na narraçaõ destes portentos, isto mesmo mostrava aquella primeira idade, na qual Scipiaõ era anteposto ao espirito mais guerreiro, Origenes ao mais sabio; porque grandes ventagens na sciencia, e grandes emprezas militares, e literarias nos primeiros annos da vida, apparecem taõ poucas vezes no theatro do Mundo, que não he difficiloso prognosticar a estes, já Heroes na adolescencia, o bronze, e o marmore, ennobrecidos com lhe figurar as imagens, das quaes nos parece ser inseparavel a sua vida. Para augurar o mesmo de vós, o Academicos, já não necessito do propicio voo das aves candidas, nem de outro algum auspicio igualmente



mente benefico ; basta só experimentarmos , que os vossos annos prodigiosamente se igualaõ nas sciencias , e na admiravel uniaõ das virtudes , à mimosidade daquelles , que como Scipiaõ , e Origines , vierã depois a fazer certo o que era presagio em hum do seu prodigioso valor , em outro do seu facundissimo entendimento ; e alcançaraõ aquella renovação de vida , que a Fama eternamente lhes dilata , nos padroens , e nos monumentos , em que lhes eícreve os nomes , e os elogios. A Fama , a quem pertence coroar os entendimentos mais eruditos , me está mostrando de longe o premio , que vos tem aparelhado no seu Templo ; circulos tecidos de louro ; marmores , em que sejaes idolatrados eternamente ; e thronos em que descanceis entre essas luzes , ainda naõ extinctas , de toda a Grecia , e de huma , e outra Roma. Póde já a nossa Academia Latina , e Portuguesa , Casa verdadeiramente da Sabedoria , naõ temer os estragos , que o tempo executa ; pois dentro destas veneraveis paredes vê elle a Virtude , e a Minerva , companhia formidavel ao seu fatal rustico instrumento , e sociedade invencivel a todas as suas forças. Com razaõ posso eu logo prometter à Minerva Lusitana , a qual de hoje em diante jura assistirnos , huma eterna duraçã no seu Palacio , aonde terá comfigo aos nossos Academicos , premiados com as Coroas , que com tanto credito , e com tanto applauso vaõ conseguindo pela incessante applicação dos seus estudos.

Sim : mas como póde esta Academia quebrar as forças do tempo , e fazerse immortal , se ella confessa mortalidade nos seus Alumnos ? Como he cri-

C

vel,

vel, que viva sempre quem não póde deixar de morrer? Que? confiamos mais dos nossos Academicos, que daquelles Heroes, que já terminaraõ a vida na sepultura? Esses jazem, ensinandonos quam fragil, e quam caduca he a vida humana, pois depende de hum fio, que quando se não corta, elle por si se quebra. Que outra coufa ficou delles senão as frias cinzas, que as suas urnas nos escondem? Quem assim discorre, não entende qual seja a immortalidade de que vou fallando. Trato daquella vida, que está muito longe das funestas sombras da morte; daquella vida para onde nos guia o nosso merecimento; daquella vida, da qual só participaõ os Sabios, e os Heroes, pois superiores ao ocio, desprezando as delicias, e as riquezas, com tanto trabalho, com tanta diligencia a buscaõ, a procuraõ, e finalmente a alcançaõ. E quanto deve ser suspirada aquella noite, em que nós desatados destes vinculos corporeos, que nos retem no Mundo, voemos a essas esféras Celestes, em que brilhaõ os Astros resplandecentes, e onde habitaõ esses, que vivem gloriosamente immortaes! Perguntava Cornelio Scipiaõ, aquelle, que destruhio Carthago, e Numancia, se vivia ainda o grande Paulo Emilio, que prodigo do proprio sangue cahira morto na batalha de Cannas? Se ainda respiravaõ Calatino, os Metellos, e os Sirvilios, que já tinhaõ acabado o glorioso curso das vitorias, e junto à porta Capena descansavaõ as suas cinzas? Todos estes, lhe respondeo o Africano, vivem na companhia dos Deoses, como Hercules, Romulo, e os dous filhos de Tyndaro; porque a vida, que tiveraõ no Mundo ( a quem

com

com mais propriedade chamara morte ) fô lhes fervio para exercitarem aquellas acçoens, que os fizeram dignos dos thronos, que agora occupão : pois para este lugar, donde vemos proxivamente as Estrellas, não guião as paixoens, ou os appetites, a que se inclina o corpo pezado, e caduco; fô a Virtude nos abrio o caminho, e nos dirigio os passos; a qual tambem, ò Scipião, te ha de collocar nesta bemaventurada, e reíplandecente esféra.

Por esta razaõ Socrates, estando para beber a taça de veneno, deu graças aos Juizes, de que por beneficio do seu Decreto se lhe atalhavaõ com a morte os annos, que ainda pudera viver no Mundo. Grande he a felicidade, dizia elle, que espero alcançar neste dia, pois he o ultimo, que conto na vida, com o qual se acaba tambem o poder, que contra mim tinha a tyrannia, e a inveja. A' manhã me julgareis vós superior a todas estas mudanças; porque, ou haveis de conceder, que com a morte tambem se extingue o espirito, que nos anima; ou que este vay para outro lugar, que os vivos ignoraõ, mais feliz, e venturoso, que o Mundo, que agora habitamos. Se se acaba, e morre juntamente com o corpo, quem mais bemaventurado, que Socrates, pois ao trabalho, ao defaçoego, e a todos os males da vida se segue a suavidade de hum perpetuo sono? Porém se he certo, que rendida a mortalidade ao golpe da inexoravel Parca, voa o espirito immortal a outras regioens occultas à nossa vista, e nellas descansa, e se recreya com Orpheo, Muséo, Homero, e Hesiodo, por cuja suavissima conservaçaõ ainda suspiro; se me resta huma

eterna duração entre aquelles virtuosos Sabios . que ainda não conheço, os quaes sempre venerey com publicos elogios, e bem merecidas honras; se finalmente me aparto deste escandalo dos estudos, que exercito, e vou para esses Filozofos, que ouvi, e com quem me era jucundo passar os dias declamando, e disputando: extinga já o veneno esta luz com que se me conserva, e dilata a vida, para depois a recuperar com felicidade maxima no suave silencio dos campos Elyfios. Disse, e tragou a morte. Tal he a pratica com que Platao introduz fallando a este mayor dos Filozofos, da qual venho a entender, que no conceito de ambos esta vida, que nós tanto trazemos nos olhos, e estimamos sobre todas as fortunas prosperas, não era a que elles tanto trabalharaõ por alcançar. Aspiravaõ ter, e conseguiraõ aquella vida, que principia quando morremos, que he eterna, que he premio, e que beatifica os virtuosos progressos desses Varoens, e desses Heroes illustres, que com summa prosperidade triunfaõ agora do tempo, da morte, e da inveja. E se assim não fosse, como se sacrificariaõ esses rayos de Marte, os nossos Lusitanos, a Deos, e à amada Patria, com animo taõ heroico, taõ intrepido, e taõ constante? Podemos crer, que acabariaõ nos incendios, que na Africa, e depois na Asia accendeo a guerra; e que commetteriaõ os projectos temerarios, e arriscados, que buscavaõ com incrivel desprezo da morte, se os não movesse a ambição das Coroas, e dos triunfos; e se os não incitasse a eterna duração, que lhe adquiriraõ as suas magnanimas proezas, pelas quaes se fazem conhecidos, e venerados em todas

as Historias ? Oh ! e como feriaõ infelices, e dignos de lagrimas, e de hum continuado pranto o Castro, os dous Almeidas, o Pacheco, e o Albuquerque, flagellos, e terror dos gigantes da Asia, se o premio, e a gloria, que lhe promettiaõ as suas triunfantes armas, e as suas heroicas fadigas, se lhes terminasse no tumulto, e ficasse sepultada com as frias cinzas de cada hum ! Mas entenderaõ, que expondo-se aos perigos, passando noites inteiras sem entregar-se ao sono, vadeando rios sem ponte, escallando muros, e acometendo exercitos, era o modo para participarem da vida, e dos alentos, que inspira a Fama nos Varoens vitoriosos, e invenciveis; os quaes ella aparta da nossa vista, e da nossa communicaçãõ, para naõ julgarmos, que estes famosos, e inimitaveis Heroes saõ dignos da vida, que vivemos, finita, e miseravel; mas que alcançaõ no seu Templo aquella preciosa immortalidade, isenta da tyrannia, e superior ao barbaro dominio da morte. Logo naõ importa, que este amplissimo theatro da eloquencia confesse serem ainda mortaes os seus Alumnos; pois he tal a gloria, que estes lhe communicãõ, que multiplicando-se cada vez mais com os seus eloquentes Escritos, e incessantes estudos, já alcançaõ para esta Academia aquella perfeita immortalidade, que elles completamente chegarãõ a possuir, depois que deixarem nos seus livros depositadas as suas vozes, e os ramos de louro com que cingem as cabeças eruditas, e facundas, se converterem em Coroas de Cypreste, que mais sirvaõ de sinaes funestos, que de verdes adornos aos seus sepulchros. Assim ouvimos fallar a Lelio, e a Scevo-

la,

la, com C. Fannio, no livro de *Amicitia*; ao mesmo Lelio, a Scipião, e a Cataõ no de *Senectute*; a L. Craffo, a M. Antonio nos de *Oratore*; e para que tambem Roma se veja excedida, pela nossa Lusitania, na magestade, na candura, e no adorno do idioma Latino; assim disputa, com pasmo de toda a antiguidade, o Bispo Oforio, com Antonio Agostinho, e Joaõ Metello, nos cinco livros de *Gloria*. Assim vive Plataõ, e Aristoteles, e tambem aquelles Sabios, cujos eruditissimos Escritos ouvimos, se lemos com applauso, e com justa admiração. Assim finalmente permanecem todas as suas Academias, nas quaes ainda hoje entramos, e à sombra das suas coroadas Estatuas, como da de Plataõ antigamente Cicero, disputamos, e nos recreamos sabiamente.

Cicer. in  
Brut. pag.  
mihi 255.

Mas ainda, que a virtude não triunfasse dos annos, e que ao duro golpe da crueldade do tempo acabasse, assim a fama dos Varoens illustres, como vemos prostrados os edificios, que foraõ escandalosos testemunhos da vaidade, e agora nem sombra tem para o desengano; com tudo, os nossos Academicos acharaõ hum meyo o mais poderoso, e o mais efficaz, para se fazerem immortaes, dedicando esta Academia ao Sagrado patrocínio da Grande Mãe de Deos, venerada com o titulo da Conceição, no qual experimenta a Monarchia Portugueza huma Celeste profusão de beneficios. Que esta protecção seja o escudo com que se resiste à mão armada do tempo, bem o entendeo a altissima, e a Real comprehensão do Augustissimo Monarcha, que governa o Imperio Lusitano, excessivamente dilatado, o maximo, o magnifico, o felicissimo D. Joaõ V. nosso Senhor,

no qual adoramos a prudencia, o valor, e o espirito egregiamente Catholico, dos seus antepassados; mas na sabedoria, na grandeza de animo, na benevolencia, e na magestade heroica, que Augusto, que Tito, que Trajano nos offerece toda a antiguidade, que lhe possa ser semelhante? ou que Cesares nascerão no Mundo, ainda que sejam os mais Sabios, e os mais felices, que com este memoravel Rey do seculo dourado, se possam comparar? Affim o entendo ( torno a dizer ) o nosso Augustissimo Monarcha; pois feito silencio nas armas, fechando no Templo de Jano o sanguinolento Marte, e abrindo as respeitadas portas do seu Palacio às Sciencias, e às Musas, instituiu hum Congresso de Varoens discretissimos, a quem sem receyo algum chamo milagres da erudição, com que enriquecem a Patria, para que em huma, e outra lingua, Latina, e Portugueza, escrevessem as acções heroicas daquelles de quem a nossa Lusitania he mays fecundissima. Bem mostrou o Illustrissimo Souza, ( esse que tantas vezes tem coroadado a Academia Real com as luzes da eloquencia Sagrada, e profana ) que o nosso Augustissimo Monarcha, não só queria, que os Alumnos de tão gravissima Assembleia se applicassem à Historia Ecclesiastica, e Secular deste Reyno; mas que tivessem principio os seus progressos, debaixo do patrocínio, e no dia da Conceição da resplandecente Estrella de Jacob, que assim como appareceo, dissipou, e destruiu anticipadamente as tenebrosas sombras da noite, e da culpa original. Esta Regia deliberação, não só tem feito excessiva a gloria, e immortal o nome da Real Academia, nobilissima,

sima, e douçissima, mas tem dado perpetua existên-  
 cia às Igrejas de Portugal, e ao heroico merecimen-  
 to daquelles Vassallos, que tanto dilataraõ, e fizeraõ  
 opulento o Lusitano Imperio. Deste modo vaõ  
 aquelles Sabios, e exactissimos Escriitores communi-  
 cando aos Heroes Portuguezes nova vida, como se  
 fosse a tinta com que lhe escrevem as acçoens san-  
 gue, que outra vez o animasse. Já tem gravado nas  
 columnas, e bronze da eternidade os nomes daquel-  
 les Varoens famosos, e inclytos, que foraõ discre-  
 tos na penna, suaves na cythara, valerosos na espa-  
 da, temidos na lança, e finalmente elevados aos So-  
 lios, e às Tiaras, a quem a inveja negou as Esta-  
 tuas, ou o tempo derribou as que se lhe erigiraõ.  
 Assim vem rompendo pelo chaos do esquecimento,  
 aquelles, que huns à custa do muito estudo, e ou-  
 tros do muito sangue, derramado na guerra, e pela  
 disciplina, fizeraõ superior às forças da idade, e dos  
 seculos futuros a nossa Lusitania; aquelles, que a  
 adornaraõ Rainha do Oceano, a quem Neptuno of-  
 fereceo o Sceptro maritimo, pagandolhe tributo em  
 cristal, e ouro; aquelles finalmente, que a consti-  
 tuiraõ, já Athenas, já nova Roma, emporio do Uni-  
 verso, pois chega a sua Purpura a cobrir as quatro  
 partes da terra, e a sua Serpente, com duas azas,  
 dous Mundos. E ella confiada na ventagem, que  
 leva às naçoens mais florecentes, e chea de desva-  
 necimento, por ter taõ preclaros filhos, levanta a  
 cabeça coroadada entre os mais Reynos da Europa.  
 O' quanta he a immortalidade, que já gozaõ alguns  
 daquelles despídos ossos, que depois das suas virtuo-  
 sas fadigas, só acharaõ delcanço na sepultura ! Estas  
 saõ.



faõ as influencias da luzidissima Estrella , que nos  
 preside : com estas já os Heroes Portuguezes appa-  
 recem exaltados no theatro da Historia Ecclesiastica,  
 e Secular ; já conhecemos as suas virtudes , já conta-  
 mos as suas vitorias , já sabemos as suas origens , e  
 geraçoens : com estas já os Escriitores Portuguezes,  
 examinando os Archivos à luz da verdade , com  
 continuo , gozoso , e incessante estudo escrevem  
 volumosos livros , e tiraõ do esquecimento com  
 mais bem aparada penna as Memorias dos He-  
 roes illustres Lusitanos ; daõ noticia de Cidades ,  
 cujos principios se ignoravaõ ; convencem , e confu-  
 taõ com Apologias as fabulas , que se admittiaõ nas  
 Historias ; e com este immenso trabalho , huns , e  
 outros Portuguezes , a beneficio da Soberana protec-  
 ção da Rainha dos Anjos , já parecem mais , que ho-  
 mens , pois se vãõ immortalizando com fama , e  
 com nome eternamente perduravel. Esta he a in-  
 comparavel felicidade , que alcançaõ , com a protec-  
 ção da Mãe de Deos , a Academia Real , e tambem  
 a nossa , por ser Protectora de ambas. Vedes como  
 nestes obsequios se nos augmenta a devoção à Vir-  
 gem Senhora , benevolo Astro para as letras , e para  
 as armas do nosso bem augurado Imperio ? Vedes  
 como promette eternos annos de duração à nossa  
 Academia , já que com tanto affecto , e com tanto  
 rendimento lha dedicámos ? Vedes finalmente como  
 com a sua benigna assistencia se nos inspira , e se  
 nos communica aquella sciencia , aquella virtude ,  
 e aquelles dotes , que destinaõ para a eternidade , os  
 que os possuem , à qual agora aspiramos , ajudados  
 com a grandeza deste Sagrado patrocínio ? Seja ago-

D

ra

ra correspondencia offercermos em sacrificio, estes nossos coraçoes à Virgem Santissima, nas aras, e com o turibulo do agradecimento; e para que não falte o essencial do holocausto, juremos defender taõ admiravel, e adorado Mysterio. Será sem duvida mais facil faltarnos a vital respiraçaõ, que deixarmos de o confessar com a penna, com as vozes, e ainda com o proprio sangue.

E para acabar com o principal intento deste Discurso, a Vós, ò magnanimo, e invicto D. Joaõ IV. já espirito bemaventurado, darey eu immortaes graças, e em quanto me durar a vida as repetirey sempre: porque querendo Vós fundar de novo, e restaurar o Imperio Lusitano, imitando ao vitorioso, e piissimo Rey D. Affonso Henriques, o dedicastes todo, com profundas adoraçoens, ao benefico patrocinio da Rainha dos Anjos, mandando cunhar em Medalhas de ouro a Imagem da mesma Immaculada Virgem, e esculpir em marmores aquelles suavissimos caracteres, que publicaõ, que *A VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA FOY CONCEBIDA SEM PECCADO ORIGINAL*. Nem eu, ò Rey Augustissimo, que sustentaes Maximo sem competencia a esfêra Portugueza, poderey esquecerme agora do vosso felicissimo nome, pois nas emprezas mais altas, e mais dignas do vosso religiosissimo espirito, invocaes a Virgem Santissima, no adorado Mysterio da sua purissima Conceiçaõ. Bem o mostrastes quando elegestes por Capitana da Armada, que passou vitoriosa o Mediterraneo, a Nao, que tinha este venerado nome. Ella obrigou, com terror aos Turcos a levantarem o duro cerco, com que em Corfû

fû ameaçavaõ as suas armas huma universal ruina a toda a Europa. Entaõ ganhastes a Coroa Obsidional, que o Povo Romano estimava entre todas, por mais nobre, e com que premiou a Fabio Maximo, na segunda guerra Carthagineza. Ella depois vos alcançou a Coroa Rostrada, porque levando no seu nome o presagio da vitoria, sopeou o orgulho, e a impolada soberba dos mares, e destruhio a dos Othomanos, que pertendiaõ acabar de huma vez com Italia. Pelo Mediterraneo naõ se viaõ mais, que erraticos incendios, em que se abrazavaõ as Naos inimigas, fulminadas pela Armada Portugueza; e a poucos perdoou a nossa espada, que naõ acabafsem nas chammas, que sobre as aguas andavaõ ateadas; e se fogiaõ destas, naõ podiaõ escapar ao naufragio. Assim triunfado o mayor inimigo da Christandade, e eclypsada completamente a Lua Othomana, voltou ao Tejo a Armada vitoriosa, varrendo as ondas com os Estandartes vencidos. Desta forte, com as influencias da Virgem Senhora da Conceiçaõ, deixastes excedidas no Mediterraneo as guerras Accias, e os triunfos maritimos, que as Historias tiraraõ do poder do esquecimento; e com este Angelico patrocínio communicastes à Republica literaria huma perenne, e eterna felicidade, que lhe está promettendo a mesma Immaculada Virgem, Divindade Tutelar, e venerada Invocaçaõ de todos os seus Escritos. Assim, a beneficio vosso, e com Sagrada mythologia, a Virgem Senhora nossa, favorecendo, e protegendo as vitoriosas armas deste vastissimo Imperio, e illustrando a Academia Real da Historia Portugueza, he Divina Pallas, he Soberana Mi-

nerva. Este foy o Catholico exemplo, que nos destes, ò Rey soberanamente illustrado; este o perfeito, e discreto modo, que elegemos, pelo qual a nossa Academia resistirá eternamente às agrestes armas do tempo, sem que possa nella empregar hum só golpe; pois sempre teve embotados os seus rusticos, e temerarios fios, se intentou destruir o nome perduravel, e eterno dos Sabios: Quanto mais, que o Sagrado Mysterio, em que invocamos a Virgem Senhora, já nos promete a dilatada felicidade de muitos seculos, e o dominio sobre a inconstancia, e variedade dos annos. Troya, e Roma, em quanto guardaraõ nos seus Templos a fatidica imagem de Pallas, foraõ os dous mais gloriosos Imperios do Mundo: hum terminava-se nos Horizontes, o outro era o mais soberbo emporio de toda a Asia: nestas duas Monarchias naõ podia a Fortuna, nem voltar a sua roda, nem reduzillos à sua vontade; porque tinhaõ para si, que aquella Divindade (verdadeiramente fabulosa) lhe enfreava os desejos, e lhe domava a condiçaõ. Naõ teme a felicissima Lusitania, nem as suas Academias, com que ella tanto florece, a rigorosa maõ do tempo; pois na sua Protectora, em que adora a verdadeira Pallas, que eternamente nos ha de assistir, e de quem participamos grande luz para os nossos Escritos, e composicoens Academicas, collocou Deos Optimo, Maximo, a felicidade mais appeticida, a total intelligencia das Sciencias mais difficultosas, em fim, a extençãõ da mais prezada gloria para o vosso nome, e da mais innocente vaidade para a nossa Patria.

Agora me parece ouvir a suave voz do Orador,

dor, que ha de acabar o circulo dos nossos progressos Academicos; porque já vem proximo o tempo, em que deixados os exercicios da eloquencia, e das bellas letras, que exercitámos, em quanto durou o silencio nas Aulas, tornemos com novas forças aos estudos mais proveitosos, e severos; para que acabados huns, e outros felizmente, alcancemos os premios da Virtude, e da Sabedoria, que consistem naquella gloria immortal, que nos faz tocar os Ceos, e que nos conserva vivos em todas as idades na memoria, e nos elogios dos Sabios. Assim o espero; pois esta Academia, illustrada por mais alto, e superior influxo, está respirando hum cordealissimo amor, e devoção à nossa Immaculada Protectora, nos cultos, nos votos, e nos obsequios, que reverente lhe confagra. Tal he a utilidade daquelles, que ao mesmo passo, que vão vencendo o arduo caminho das Sciencias, recorrem ao Sagrado patrocinio da Virgem Santissima, Estrella luzidissima, que ferendo a Justiça Divina, que tão justamente provocamos, deixa os rayos o Supremo Jupiter com que pertendia fulminar o Mundo: Assim não cessão elles de mostrar, nos seus Escritos, grande parte do verdadeiro affecto, com que sempre venerarão a esta Medianeira, Luz, e Mãe de todos os viventes; em fim, a esta Esperança, Vida, e Doçura nossa, por cuja liberalidade, e beneficencia conseguimos toda aquella infinidade de graças, e favores Celestiaes, que não sabemos dizer; e, como se fossem as Estrellas, que fingem a luminosa Via Lactea, não os podemos contar. Voltay, Senhores, os olhos àquella adorada Imagem, que nos preside.

Vedes como  
 estão

estaõ cintillando na Sagrada Cabeça da Mãe de  
 Deos doze Estrellas resplandecentes ? O Sol lhe dou-  
 ra os vestidos com as suas luzes; e a Lua serve de  
 throno a tanta magestade. E quem haverá dos mor-  
 taes, que adorando-a no primeiro instante de sua  
 Conceição sem macula, lhe não chame Mulher For-  
 te, que com o incessante trabalho do lanificio suf-  
 tentava a sua familia numerosa, e vistosamente orna-  
 da ? Mas que muito se ella não herdou o patrimo-  
 nio de seus Pays, em que tambem lhe vinha o pec-  
 cado original; antes este, à maneira de nuvem  
 opaca, ficou vencido das Celestiaes luzes, de que a  
 Virgem Santissima se vio cercada no primeiro instan-  
 te de concebida. Quem não entenderá, que ella he  
 a Nuvem, que acompanhava o Povo Israelitico,  
 quando se inclinava o dia ? E como a poderiaõ ef-  
 curecer as tenebrosas sombras da culpa, se ella as  
 rompia, e apartava, luzindo, e alumando até de  
 noite ? Quem finalmente não discorrerá, que ella  
 he aquella Çarça, que entre ardentes lavaredas fazia  
 huma terrivel ostentaçaõ de luzes ? E como se po-  
 deria atear nella a faísca do peccado, se a Çarça em  
 os incendios se conservava intacta, e verde ? Mas  
 que digo eu, não discorrerá ? Em hum dia em que  
 vemos resplandecer tanto as vossas luzes, ò Acade-  
 micos, e aquellas chammas ateadas em aras de cera,  
 que como fogo do nosso sacrificio adoraõ este Sa-  
 grado Mysterio entre os obsequios do mais profun-  
 do respeito, não tem lugar, nem o discurso, nem a  
 consideraçaõ. O mais nobre, o mais glorioso, o  
 mais heroico excessõ, a que podiamos chegar, he,  
 que seja hoje objecto dos nossos olhos a nossa mes-  
 ma

ma devoção, por não caber já na dilatada esfera do peito. Que modo se podia escolher mais proprio de animos religiosos, e pios, para confessar este Mysterio respeitofamente adorado, senão venerando-se publicamente? Esta he a harmonia, o fim, e o ultimo intento de tão Catholico apparatus. Acabe-se aqui o fio da Oração, para me recrear no agradável engano, de que já cuço o futuro Orador, que com discurso mais levantado, e conceituoso, me deixará incomparavelmente excedido. O, e com quanta suavidade, com quanta elegancia, com quanta discrição falla, persuade, e discorre!

E Vós, ò Virgem Santissima, exaltada Palma em Cadés; victor, victor; pois nunca vos pode inclinar o grave pezo da culpa; Vós, ò Mystico Platano, em que sempre permanecco o candor original, a cuja vista, e junto das perennes, e saudaveis aguas da Divina graça, foy concebido aquelle Immaculado, e Candido Cordeiro, que se apascenta entre lirios; Vós, ò pacifica Oliveira, cujo fruto tanto augmenta em nós as Luzes Eternas; Vós, ò Oliveira sempre verde, e chea de folhas, ainda que se secasse o tronco, digo, o primeiro Pay; recebey benignamente estes cultos, estes obsequios, com que vos invocamos Divindade Tutelar de toda esta Academia, para que nos inspireis aquella sciencia, que nos faz dignos da vossa Sagrada Protecção; para que nos feliciteis com a vossa assistencia os nossos progressos, assim nestes, como nos estudos mais altos, e que necessitaõ de mayor luz, e prespicacia; em fim, para que sejaes a Estrella, que nos guie, que nos illustre pelo difficuloso caminho da Virtude, da Sabedoria,

Allud't ad  
Genes cap  
30.

bedoria, e da immortalidade. Os nossos Academicos, Senhora, vos offerecem hoje o ouro da sua erudição, como tributo; eu só vos dedico humas poucas flores, que tenho colhido dos meus annos, as quaes às vossas influencias devem o nascer. O' como estou certo, de que hoje me aceiteis esta pequena offerta, e me recebaes tambem o espirito, lá quando o ultimo fono me fechar os olhos, e a Morte executar em mim o feu indispensavel decreto!

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Geral

*Disse.*



BIBLIOTECA  
3  
♦ ABR ♦  
41  
Nº de Reg. 2812